



Jorge Filipe de Almeida
Maria Manuela Barroso de Albuquerque

OS PAINÉIS DE NUNO GONÇALVES

Verbo

Edição realizada com o apoio do



Desta edição imprimiram-se 2000 exemplares dos
quais 800 são numerados e assinados pelos autores



Direitos reservados
Editorial Verbo, Lisboa/São Paulo

Concepção gráfica: Magda Macieira Coelho

Fotografias:

(d-direita; e-esquerda; c-em cima; b- em baixo)
Agência Lusa: 43; José Pessoa – DDF/IPM: 3, 11, 20, 21, 23,
29, 30, 32, 33, 42, 46, 49, 56e, 62c, 66, 78, 82, 83, 86, 90,
91e, 92, 96, 98, 100, 102, 106, 109c, 110, 112, 115, 116,
118, 121, 123-125, 132, 146, 154, 156, 161, 164-166;
Manuel Palma: 15, 16d, 18, 61b, 63, 65, 72, 89,
109d, 122, 130, 134d, 144 e 162

Impressão
Printer Portuguesa
em Outubro de 2003

ÍNDICE

Prefácio da 2. ^a Edição	7
Prefácio da 1. ^a Edição	9
Parte 1	
Os Painéis de S. Vicente de Fora	
1.1 A «Questão dos Painéis»	13
1.2 Um século de investigação	16
1.3 Súmula das teses desta contribuição	22
Parte 2	
Análise dos Painéis	
2.1 As assinaturas do pintor: as suas siglas e o seu monograma; a data do políptico	30
2.2 Sustentação dendrocronológica	41
2.3 O significado do Pentecostes no políptico	45
2.4 O desejo da santificação de D. Fernando	48
2.5 A dalmática	55
2.6 O ofício de uma <i>missa sicca</i>	67
2.7 A relíquia	71
2.8 A «Íclita Geração» nos painéis	77
2.9 As figuras com dignidade régia	79
2.10 Outras personagens da família real nos painéis centrais	87
2.11 D. Álvaro Vasques de Almada	95
2.12 O políptico e a regência de D. Pedro	99
2.13 Os Braganças no Painel dos Cavaleiros	105
2.14 Alguns pormenores de indumentária	111
2.15 Clérigos regulares e clérigos seculares	117
2.16 A classe dos letrados nos painéis	124
2.17 A representação do judeu nos painéis	131
2.18 A Confraria do Bemaventurado Santo Antoninho	139
Parte 3	
Conjecturas sobre o Percurso do Políptico	
3.1 Alfaroqueira e o destino do políptico	162
3.2 Pobreza de documentação referente a Nuno Gonçalves	171

PREFÁCIO DA 2.^a EDIÇÃO

O Banco Comercial Português tem muito gosto em apoiar a publicação da 2.^a edição de *Os Painéis de Nuno Gonçalves*, de Jorge Filipe de Almeida e de Maria Manuela Barroso de Albuquerque. Ao fazê-lo propõe-se participar no alargamento da divulgação de uma obra, fruto de uma investigação séria, que traz novos e porventura decisivos contributos para a elucidação de dúvidas históricas sobre a autoria e a temática dos Painéis e que, desde a publicação da 1.^a edição, há 3 anos, tem constituído o catalisador de um renovado debate sobre um tema que é da maior importância na cultura portuguesa e de interesse relevante na história da arte europeia.

A iniciativa não significa obviamente que o BCP tome partido no debate que tem estado em curso sobre o valor científico do método de investigação adoptado pelos Autores ou sobre o fundamento das teses que defendem. O BCP assume sim posição de inequívoco apoio do esforço de estudo e pesquisa, primeiro, e de comunicação e exposição ao confronto de pontos de vista, depois, que os Autores têm desenvolvido, com o único propósito de encontrar e partilhar explicações para os mistérios que a obra-prima de Nuno Gonçalves ainda encerra.

A leitura do livro é de verdade cativante. A escrita é clara e a estrutura é elegante. A investigação é rica e bem documentada. O leitor acompanha sem dificuldade o desenvolvimento do argumento e adere com naturalidade às sucessivas deduções, cujo encadeamento e lógica interna são inquestionáveis; mas os Autores não omitem ou ignoram argumentos susceptíveis de contradizer as suas teses: referem-nos e discutem-nos abertamente. E, do mesmo modo, a sua posição descomprometida em relação a correntes e polémicas de um meio em que não se inseriam permitiu-lhes, com total independência, recuperar numerosos pontos já expostos e defendidos por outros estudiosos e neles apoiar as suas deduções e conclusões.

A publicação da 1.^a edição constituiu um factor de perturbação, saudável e positiva, num contexto em que talvez não se esperasse já que sobre o tema surgissem novidades decisivas. Porém, reconhecidamente, *Os Painéis de Nuno Gonçalves* contém matéria muito estimulante. Sintoma disso é o enorme interesse que gradualmente foi despontando nos meios culturais, em Portugal e em outros países europeus, de que resultou um conjunto muito diverso de eventos e iniciativas bem como o aprofundamento da investigação de alguns aspectos – de cujos frutos a presente 2.^a edição dá já conta.

Não seria razoável dar por assente que as teses dos Autores estão definitivamente demonstradas; mas pior ainda seria condená-las por não respeitarem uma ortodoxia de «especialistas» que rejeitam a inovação, sobretudo se a autoria for de terceiros. Não há razão para que nos conformemos colectivamente com a eterna insolubilidade dos mistérios dos Painéis. Este livro constitui uma fonte de esperança e de orgulho na capacidade do génio artístico português.

Jorge Jardim Gonçalves
Presidente do Conselho de Administração
do Banco Comercial Português

PREFÁCIO DA 1.^a EDIÇÃO

Agradeço a Jorge Filipe de Almeida e a Maria Manuela Barroso de Albuquerque o convite para «prefaci-
ciar» o seu livro sobre os Painéis de Nuno Gonçalves. Não sendo especialista no assunto, o seu tema acom-
panha-me há muito e o trabalho interessou-me desde que a gentileza dos Autores me deu a conhecer.

Agradeço, porque me proporcionou um especial reencontro com a história. A minha história pessoal,
onde ela quase se dilui no grande caudal da nossa história nacional; e também esta experiência será a da
generalidade dos leitores, como foi a dos Autores.

Não haverá, de facto, muitos motivos tão expressivos como este, para que tal aconteça. Estou certo de
que, para bom número de portugueses, o políptico gonçalvino constitui uma referência básica e insistente.
Para lá do que represente, é ele mesmo, na força de cada rosto e na conjugação deles todos, que acaba por
se impor.

Aquelas figuras olham-nos há muito tempo, sem perderem o brilho nem cessarem a interpelação. Mais
do que em qualquer outro vestígio, o nosso passado entra-nos ali pelo presente, como se passasse um teste-
munho.

Desde a escola primária, convivemos com elas. Perguntamo-nos sobre o que fazem, sucedendo-se as
respostas, não atingindo todas a qualidade do livro agora publicado. Mas a eventual incerteza sobre o que
fazem ali – quando restar – é sempre ultrapassada pela certeza do que actuam no nosso hoje colectivo. Volto
ao que disse: interpelam-nos e de certo modo condicionam-nos o futuro, que há-de estar à altura daquela
humanidade inquestionável.

Conforme sei, algo de semelhante aconteceu com este livro. Arriscando-se num tema tão estimulante
quanto melindroso – tantos têm sido os seus sucessivos cultores –, os Autores deixaram-se levar por ele
com crescente motivação e entrega. De sugestão em sugestão, de fonte em fonte, acabaram por construir
um bloco argumentativo muito plausível, para eles e para todos com quem partilham agora as suas con-
clusões.

Há nestas páginas uma alegria de desvendar e dar a conhecer que, sem esquecer a seriedade do tema e
do método, faz delas um elo fecundo da nossa tradição identificadora.

Sem nacionalismo estreito. Vicentinos ou fernandinos, sempre adivinharam que aqueles olhares ultra-
passavam o chão lusitano. Prometendo a viagem ou sofrendo os seus reveses – como será o caso – é o além
que demandam.

Por isso mesmo, os painéis reencontrados tornaram-se cais de partida e chegada dum caminho universal.

Há ali um judeu, como haverá um mouro e um infante «das sete partidas» e mais outro «navegador».

Há o olhar central, que chega onde chega a fé. Há a dalmática vermelha, cor do total Pentecostes. Há
uma corda a abrir, para entrelaçar o mundo...

Há, na verdade, tanto, que olhares sucessivos ficaram surpresos. Os últimos, dão-nos neste livro deci-
frações novas e consistentes.

Estamos-lhes gratos. Como à editorial, que encontrou aqui mais um eco do Verbo que nos fez nação
entre nações.